



Caros colegas,

Deixem-me antes de mais agradecer a vossa presença, agradecer de forma especial à VersusTuna pela presença e pela disponibilidade de nos ajudar a celebrar o dia de hoje, agradecer ainda ao Conselho de Veteranos pela disponibilidade na divulgação da dinâmica desta noite.

Hoje celebramos mais do que uma data. Celebramos uma história de coragem, de resistência e de luta.

O Dia Nacional do Estudante nasce de momentos marcantes do movimento académico português. Em 1962, estudantes saíram à rua para defender a liberdade de associação, enfrentando repressão e silêncio. Em 1969, uma nova geração voltou a erguer a voz, exigindo não só melhores condições no ensino, mas também um país mais justo e mais livre.

Essas crises académicas não são apenas páginas da história do Ensino Superior. São o alicerce, o pilar principal, daquilo que somos hoje. São a prova de que, mesmo quando tudo parece fechado, a força coletiva dos estudantes consegue abrir caminho.

E é exatamente esse o espírito que nos trouxe aqui esta noite, é esse mesmo o espírito que mobilizou e continua a mobilizar centenas de jovens país fora todos os dias a lutar por mais direitos.

Hoje celebramos o espírito estudantil, a inquietação que nos move, a vontade de fazer mais, de sermos mais, de não aceitar o que nos é apresentado como último ponto, de não aceitar o Ensino Superior tal como ele nos é apresentado.

O Dia Nacional do Estudante não é apenas um momento de memória. É, acima de tudo, um momento de consciência.

Consciência de que ser estudante, hoje, continua a ser um desafio exigente. Um desafio marcado por dificuldades reais: marcado pelo escasso e de difícil acesso ao alojamento, pelo peso das propinas que estiveram à beira do descongelamento, marcado por decisões que persistem em não acompanhar a realidade dos estudantes; por uma ação social que, tantas vezes, não chega a quem mais precisa.

Caros colegas e amigos celebramos, sim o facto de sermos estudantes. Mas não ignoramos. Não esquecemos. E, sobretudo, não nos conformamos.



Porque há algo que precisa de ser dito com toda a clareza: demasiadas vezes, a tutela falha em reconhecer o movimento estudantil como aquilo que ele verdadeiramente é — um parceiro essencial no processo de decisão.

Seja a nível nacional, seja a nível regional, continuamos a ser vistos como acessórios, quando na verdade devemos ser considerados protagonistas.

E essa realidade tem consequências. Consequências que sentimos onde a tutela não tem conhecimento, sentimos no terreno, nas nossas instituições, nas nossas cidades, nas nossas vidas de estudante.

Na nossa academia, temos encontrado dificuldades claras no diálogo e no trabalho conjunto com a governação central. Uma incapacidade de resposta que não podemos ignorar — mas que também não deve ser apenas criticada. Deve ser transformada. Porque acreditamos que essa fragilidade pode ser superada com maior proximidade ao movimento do ensino superior, com mais escuta, com mais colaboração.

E é aqui que entra aquilo que considero ser o ponto mais importante deste momento.

Está nas nossas mãos.

Está nas mãos de cada estudante aqui presente e nas de todos aqueles que não conseguiram cá estar hoje, combater estes problemas. Está nas nossas mãos recusar a ideia de que não temos impacto. Porque a história já nos mostrou o contrário.

Sozinhos, podemos sentir que a nossa voz é pequena. Mas juntos... juntos temos provas claras que nos fazemos ouvir.

Quando nos unimos, quando lutamos lado a lado, quando deixamos de lado as diferenças de órgãos sociais, de cargos, de posições partidárias, conseguimos alcançar mudanças reais. Conseguimos abrir portas que antes pareciam fechadas e que nunca deram sinal de abertura.

Este é, por isso, um apelo claro.

Um apelo à união da nossa academia. Um apelo a todos os estudantes, independentemente de quem são, do que representam, ou do lugar que ocupam dentro da universidade.

Todos contam. Todos importam. Todos fazem falta.

Que este dia não seja apenas simbólico. Que seja um ponto de partida.



Um ponto de partida para uma geração que não aceita ficar à margem. Para uma academia que se reconhece na sua diversidade, mas que se une nos seus objetivos.

Celebramos o que somos. Reivindicamos o que nos falta. E construímos, juntos, aquilo que queremos ser.

Porque ser estudante não é apenas aprender — é também transformar.

E essa transformação começa connosco. Em cada um de nós no nosso dia a dia.